

MENDES DOS REMÉDIOS - UMA AFIRMAÇÃO
DE HUMANISMO EM TEMPO DE CRISE

Senhor Governador Civil de Beira-Lega
Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Nisa

Ex.mas Autoridades

Minhas Senhoras

Senhores

Designado pelo Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra para usar da palavra em louvor do Doutor Joaquim Mendes dos Remédios, nesta sessão que os seus conterrâneos em boa hora promoveram para celebrar alguns dos filhos mais ilustres desta nobre Vila de Nisa, aqui venho para vos trazer também, com a minha voz, a presença da Escola que el tanto honrou como professor, como investigador e como homem público.

Ao aceitar este encargo, não me limitei, no entanto, a cumprir uma rotineira obrigação oficial. Antes pretendi, com a minha participação em tão significativa cerimónia, viver eu próprio, em comunhão convosco, este acto de justíssima exaltação de um homem que, nascido nesta terra, vai para cento e vinte anos, soube, pelos dons de inteligência, pela tenacidade do seu trabalho, pela nobreza do seu carácter e pela força da sua personalidade, personificar com singular fidelidade o espírito da Universidade de Coimbra.

É que, não obstante o tempo que nos separa e as naturais diferenças de mentalidade científica e pedagógica que essa distância temporal determina e pressupõe, liga-nos, por indefiníveis laços de relação espiritual, a mesma devoção à Universidade e à cultura que a Universidade, pela sua própria definição, tem a missão de construir e defender, no permanente exercício da sua ~~missão~~^{vocação} científica e pedagógica, segundo um espírito, em cada geração renovado, de rigor, de exigência e de liberdade.

Este legado de homens da estirpe de Mendes dos Remédios, sênte-o a minha sensibilidade simbolizado no retrato que dele guardo no meu gabinete da Faculdade de Letras e que em época tempestuosa salvei da iconoclastia estúpida de quem não sente nem ama estes valores. E, como se

tal símbolo não bastasse, quis a generosa amizade de seu sobrinho e herdeiro espiritual, que é o Senhor Doutor Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão, sublimar o seu significado, oferecendo-me as insígnias de Doutor em Letras que lhe haviam pertencido e com as quais ele próprio tanto continuaria a honrar o nome de sua Família, numa das cátedras de História da Academia Conimbricense, que o seu preclaro saber ilustrou ao longo dos últimos 60 anos.

Estou, pois, aqui convosco em recolhido preito intelectual e espiritual à memória do Doutor Joaquim Mendes dos Remédios. Se vós partilhais com ele a identidade da terra onde todos nascestes, deixai-me reivindicar para mim a participação no ser moral da Universidade a que ambos, embora em momentos diferentes, pertencemos, na Faculdade que ele por assim dizer criou e ns mesmas matérias que ele, antes de mim, estudou e nela ensinou.

Celebrar vultos com a dimensão do de Mendes dos Remédios equi vale necessariamente a lembrar a quantos os não conhecem os traços que os individualizaram e as obras pelas quais contribuíram para o progresso espiritual ou material da colectividade a que pertenceram e que nós continuamos. Deste modo o exemplo em que souberam transformar as suas vidas contínua, para além da morte física, a acção pedagógica a que belamente se devotaram.

E hoje, quando através de tantos acertos e desacertos, nós, os Portugueses, procuramos com um afã quase desesperado, encontrar o sentido de identidade que nos projecte rumo ao nosso futuro colectivo, é civicamente salutar e reconfortante trazer à memória do presente os valores que construíram no passado aquilo que somos e, sobretudo aquilo que viremos a ser. É este — creio eu — o sentido profundo de homenagens como esta, a que os poderes autárquicos e os homens bons das nossas terras do interior vão, graça a Deus, promovendo um pouco por toda a parte.

Vejamos, pois, nesta perspectiva, quem foi o Doutor Joaquim Mendes dos Remédios!

+

+ +

As quatro horas da manhã de 22 de Setembro de 1867, numa casa modesta do Rossio de Dentro, aqui em Nisa, via-se a família de Albino Mendes e de Maria José Curado enriquecida com o nascimento de um menino, que, passados dez dias, receberia na pia baptismal da paróquia do Espírito Santo, o nome de Joaquim.

Família humilde, se bem que fortemente enraizada no chão generoso desta bacia interior do Tejo, havia por certo de regozijar-se com o feliz acontecimento. Afeito aos caminhos da região, no seu mister algo aventureiro de almocreve, viera o Senhor Albino de Fratel, na margem Norte do rio, casar a Nisa, e aqui grangearia o seu parco sustento. Sob a ~~ad~~este protecção de sua madrinha, que foi Nossa Senhora dos Remédios, que a sua coroa lhe tocou no baptismo, pela mão honrada de José Maria da Costa Soares, barbeiro de seu ofício, recebeu o neófito os apelidos Mendes, de seu pai e do avô paterno, e Remédios, de sua avó materna.

Gente piedosa e temente a Deus, ambicionaram os carinhosos pais dar ao filho um futuro material e socialmente mais desafogado que o seu, mas, sem posses para o meter a grandes estudos, enviaram-no na idade própria, para o seminário de Portalegre, com o intento de o encaminharem à carreira eclesiástica. Com tanto brilho se houve como aluno o pequeno que os superiores o mandaram matricular-se, em Outubro de 1888, na Faculdade de Teologia de Coimbra. Aí continuaram os seus triunfos escolares, apesar das dificuldades, só vencidas graças à sua condição de beneficiário da Sociedade Filantrópico-Académica e às funções de prefeito que exercia num colégio da cidade do Mondego. Após a frequência regular, com accessit no primeiro ano e prémios nos quatro restantes, viria a obter a Licenciatura em 15 de Fevereiro de 1894. Defendidas conclusões magnas a 6 e 7 de Março de 1895, logo alcançaria, na pujança dos seus 27 anos, o capelo branco dos Doutores teólogos, em 28 de Abril seguinte.

Recebera entretanto, a 16 de Dezembro de 1893, na catedral de Nossa Senhora da Assunção, das mãos do Arcebispo-Bispo D. Gaudêncio José Pereira, a ordem de sub-diácono, então condição necessária para a colação dos graus na Faculdade de Teologia.

Não sentindo vocação que lhe permitisse trilhar, com a escrupulosa dignidade que sempre lhe foi timbre, a carreira eclesiástica traçada pelos pais, iria encontrar forma de sacerdócio mais adequada à

sua consciência no magistério universitário. Passado cerca de ano e meio, durante o qual certamente debateu no mais íntimo de si próprio dúvidas e incertezas, decide concorrer, em Dezembro de 1896, a um lugar de professor na sua Faculdade. Conheciam-lhe de sobejo méritos e capacidades. Não lhe foi, pois, difícil vencer o concurso, e a 4 de Janeiro seguinte tomava posse.

Fecundo e luminoso, se bem que não isento de amargos desenganos e marcado por dolorosas realidades, seria o caminho naquele dia iniciado.

Desde que, havia mais de um século, o Marquês de Pombal outorgara à Universidade os Estatutos que continuavam a regê-la, a vida da Faculdade de Teologia arrastava-se com penosa dificuldade, pela crescente intervenção do Estado. Quando Mendes dos Remédios ali se matricula, não se haviam ainda extinguido as labaredas da polémica entre a Faculdade que, pela voz do Dentor Damásio Jacinto Fragoso, procurava eximir-se à autoridade episcopal, condicionando o provimento dos cargos eclesiásticos à graduação em Teologia segundo programas manifestamente feridos de heterodoxia, e o Bispo-Conde D. Manuel de Bastos Pina que, naturalmente, reivindicava o pleno exercício do seu múnus, confirmado, aliás, pela Sagrada Congregação do Concílio, em Julho daquele ano de 1888. Em consequência da intrincada questão, os Bispos passaram a enviar os seus sacerdotes para Universidades dependentes da autoridade pontifícia, preterindo a Faculdade coimbrã, que deste modo entrava em lenta mas irremediável agonia.

Participante, se é que não vítima da crise, como agiu o jovem Lente Teólogo? Com uma serenidade, uma largueza de vistas e um sentido de actualidade reveladores da ponderada e subtil inteligêntia que havia de marcar, no futuro, toda a sua actuação, dentro e fora da Universidade.

A situação agravava-se de dia para dia e, perante os progressos que nas Ciências Humanas, em especial na Filologia, na História e na Filosofia, se verificavam por toda a Europa, e que Mendes dos Remédios seguia com desvelada atenção, surge no seu espírito o projecto de substituir a Faculdade de Teologia por uma Faculdade de Letras.

A ideia vingava e, em 1907, os Professores da moribunda Escola pedem ao Governo que dê execução ao projecto. Mas a questão era melindrosa. Embora receptivo, o Governo não queria tomar a iniciativa. Entretanto a Monarquia entra na sua crise final e só em 1911, por decreto de António José de Almeida, a velha Faculdade Teológica dá lugar à Faculdade de Letras, passando alguns Professores, entre os quais Mendes dos Remédios a Catedráticos da nova instituição.

Enquanto lutava por esta solução, não descurava o prestigioso professor outros sectores de actividade, multiplicando-se numa generosa doação ao progresso, à actualização e aos interesses da sua Universidade.

Assim, tendo o Doutor Francisco Martins sido nomeado, em Agosto de 1900, para reitor do Liceu Central do Porto, foi o Doutor Mendes dos Remédios escolhido para o substituir, como Director interino da Biblioteca Geral da Universidade, passando em 1911 a efectivo. Está por fazer o balanço da sua acção à frente daquele famoso estabelecimento de cultura, mas pode sem receio de erro afirmar-se que da sua direcção nasceram verdadeiramente o enriquecimento, a reorganização e a criação de condições de trabalho (a começar pela catalogação de muitos dos seus fundos, que el próprio com frequência fazia, e a acabar na magnífica, para a época, sala de leitura, onde ainda trabalhei), que o transformaram no núcleo essencial de grande parte da vida pedagógica, científica e cultural da Universidade de Coimbra, na primeira metade deste século.

Quando, em 1910, surge a República, Mendes dos Remédios era, sem sombra de dúvida, aos olhos de amigos e de inimigos, um dos mais prestigiosos e respeitados membros do claustro universitário. Sem clientelas nem partidos; sem frases nem atitudes demagógicas de comício ou de jornal. Apenas e exclusivamente pela nobreza do seu carácter, pelo valor do seu trabalho e pela sóbria elegância do seu comportamento. Tão verdadeira é esta afirmação que o Doutor Teixeira de Carvalho, seu declarado adversário, escrevia na Província, em 20 de Junho de 1913: "Não foi ele que reconheceu a República. Foi a República que o reconheceu a ele, no lugar que ocupava dos que trabalhavam na vanguarda pelo progresso do País, defendendo a causa principal da Instrução".

Mercê desse prestígio, via-se nomeado Reitor da Universidade por decreto de 28 de Outubro de 1911. Em período tão perturbado pela mudança das instituições políticas, foi Mendes dos Remédios o Reitor sereno, justo e clarividente, que conduziu a Universidade com mão segura, espírito equânime e rasgada visão, cimentando assim o seu prestígio institucional e preparando-a para uma nova fase da sua história secular. O seu brio, porém, pairava acima das ambições pessoais. Agravado por não ter sido ouvido na decisão governamental que mandava realizar em Lisboa os actos da Faculdade de Direito, logo pede a exoneração.

Voltaria ao cargo, por eleição, em Abril de 1918. Mas decorrido um ano, o Ministro Leonardo Coimbra mandava suspender das suas funções os Professores de Direito Doutores Carneiro Pacheco, Fezas Vital, Magalhães Colaço e Oliveira Salazar, sob a acusação de emitirem nas aulas opiniões adversas ao regime republicano. Solidarizando-se com os colegas atingidos pela arbitraria medida, o Reitor pede a demissão e exige que a sindicância seja alargada ao seu próprio procedimento.

Dias antes, a 5 de Março de 1919, recebera da Universidade uma eloquente mensagem de solidariedade subscrita pela quase totalidade dos seus colegas e simbolizada num belo anel doutoral.

Na luta que, pouco depois, houve que travar em defesa da Faculdade de Letras que, por ter representado ao Governo queixando-se da nomeação de dois professores à sua revelia, se viu extinta e transferida para a Universidade do Porto, pelo despeitado Ministro secundado pela malevolente inépcia do reitor intruso Coelho de Carvalho, de novo a voz e a pena de Mendes dos Remédios saíram intemeratas e fortes em defesa da sua Universidade e da Faculdade que o seu carinho criara.

A sua participação activa na reforma dos estudos universitários subsequente à proclamação da República, cujos resultados lhe mereceram um primeiro e clarividente balanço crítico no discurso inaugural do ano lectivo pronunciado a 15 de Outubro de 1912, determinaria a sua nomeação para vogal do Conselho Superior da Instrução Pública.

Mendes dos Remédios não era, nem seria nunca, um professor que, refugiado no seu gabinete, preso ao sortilégio da investigação ou seduzido pela popularidade junto dos alunos, vivesse alheado dos problemas da educação, da legislação que procurava dar-lhes resposta, das estruturas exigidas pelas soluções novas encontradas, dos pressupostos teóricos e metodológicos sobre que se fundamentavam os sistemas educativos ensaiados. A sua intervenção activa e constante, o seu saber e a sua provada experiência conferiam-lhe uma autoridade que era impossível preterir. Não admira por isso que, mal alcançado o triunfo, logo o movimento militar de 28 de Maio de 1926 o chamasse a Lisboa para, com os seus colegas da Faculdade de Direito, Doutores Manuel Rodrigues e Oliveira Salazar, integrarem o gabinete chefiado por Mendes Cabeçadas. Chegados a Lisboa, logo a 4 de Junho, tomavam posse nesse mesmo dia.

Em entrevista concedida ao Diário de Notícias, delcarava o novo ministro, passados alguns dias: "A tarefa a realizar é muito grande. É preciso reorganizar quase tudo, desde o ensino primário ao superior, no sentido de estabelecer a continuidade que lhes falta". E a sua primeira medida seria restituir à Universidade a autonomia pedagógica que lhe havia sido retirada.

Logo, a 17, porém, Gomes da Costa destituía Mendes Cabeçadas e assumia a presidência do ministério, perante o que, aqueles ministros civis, declarando que a acção administrativa que pretendiam desenvolver só seria possível depois de resolvido o problema político, renunciavam aos seus cargos, dado que tal reolução lhes não competia. E retiraram-se para Coimbra. Mendes dos Remédios para não voltar. É que — como confessara na entrevista referida — tinha "grandes saudades dos rouxinóis que todas as noites ouvia cantar no Penedo da Saudade [onde morava]. [Deixara] lá os [seus] livros e uns e outros [lhe] lembravam muito".

Os últimos anos, iria consagrá-los quase exclusivamente à sua Faculdade de Letras, cuja direcção assumira em 1925. Conjugando com feliz harmonia as exigências de uma quase severidade com a afável bondade, pela qual sabia despertar dedicações e amizades no mais modesto dos funcionários, desenvolveu um trabalho da mais fecunda repercussão no futuro da Escola que nascera e crescera por obra e graça da sua segura e larga visão da Universidade e do seu papel nas sociedades modernas.

Completava assim uma doação integral que só a doença viria atenuar, obrigando-o a renunciar às funções de Director em 1930. Até que, a 30 de Setembro de 1932, a morte vinha pôr termo ao percurso terreno que aqui iniciara em Nisa, 65 anos antes, na casinha do Rossio de Dentro.

Esboçada, nos seus passos principais a sua carreira pública, permitam-me ainda Vs. Ex.^{as} que, em síntese muito breve, lhe complete este apressado retrato, com alguns traços do seu perfil de professor de Literatura Portuguesa.

Sem ter seguido regularmente cursos filológicos (que não existiam ao tempo na Universidade de Coimbra e eram pouco mais que incipientes no Curso Superior de Letras, de Lisboa), todo o trabalho de Mendes dos Remédios incidiu predominantemente numa visão cultural do fenómeno literário. Essa mesma característica, porém, conferiu à sua investigação e ao seu ensino uma orientação mais atractiva e eficaz, com a vantagem de constituir, com a perspectiva filológica que, na Faculdade,

marcava o ensino de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, um todo completo e sistematizado, patente nas orientações de alguns dos seus mais notáveis discípulos, de Costa Pimpão a Paulo Quintela, e sem esquecer os que viriam a distinguir-se nas Ciências Históricas, como Lopes de Almeida e Mário Brandão, seu sobrinho, para quem a Literatura nunca deixou de oferecer especial e sedutor encanto.

Fundamentado numa investigação histórica exaustiva e séria, de que são exemplo Os Judeus em Portugal (para cuja elaboração se deslocou à Holanda, em missão de estudo, no Verão de 1909) ou o Prefácio à sua edição da Consolação às tribulações de Israel, de Samuel Usque, o trabalho de Mendes dos Remédios como professor compagina-se pelas grandes correntes do movimento científico moderno. É curioso ver, a este propósito, a aproximação que faz, no prefácio e na introdução da 2.ª edição da História da Literatura Portuguesa, datada de 1902, entre as matérias deste compêndio, que serviria sucessivas gerações de estudantes e ainda hoje é de utilidade, com o método evolucionista e com a historiografia literária, tal como a tinham desenvolvido Brunetière e Gustave Lanson, as teorias estéticas de Taine e de Baumgarten e a aplicação que delas haviam feito ao estudo da produção literária autores como Bouterweck e Sismondi.

Assim se explica, não apenas a permanente relação que estabeleceu entre a nossa literatura e a de outros países, mas também a criação dos meios para que o estudo dessas relações pudesse desenvolver-se e aprofundar-se, merecendo neste campo particular referência a criação dos Cursos de Férias e dos Institutos Estrangeiros, na Faculdade de Letras.

Consciente, porém, do nosso atraso em tal campo, imprimiu ao seu ensino, sem prejuízo do rigor científico mais escrupuloso, uma feição deliberadamente didáctica. É que Mendes dos Remédios foi, acima de tudo, um professor que, longe de circunscrever a sua acção pedagógica às prelecções da cátedra universitária, aproveitou todas as oportunidades para ensinar. A começar no teatro. Vale a pena referir que, para o Teatro de Nisa, escreveu o drama Pátria e Família, aqui representado em 1891, cuja intriga opõe à fidelidade monárquica de um honesto pater familias à generosidade republicana de um filho que se cobre de glória na defesa das nossas possessões africanas, com a tese evidente de conciliar gerações e fazer valer a legitimidade dos novos ideais políticos. E a acabar numa permanente actividade de divulgação, que não se dedigna-

Coimbra, 12.XI.91

95.4.9

A reunião de Coimbra
para conhecimentos.
13-11-91
K.



Universidade de Coimbra

Biblioteca Geral

Presente à Reunião de 1991 NOV 19
terceira, sido dado o seguinte Despacho:

Imunidade, Amizade, Tomadas
Sentença Cordões: conhecimentos

16

Depois de sair, logo se localizou o
volume de VERBO, onde vem a actualização
da notícia a meu respeito.

Aqui lhe mando, prezando que ain-
da a não passe.



Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Cabinete do Director

3049 COIMBRA Codex



Ex. ^{ma} Senhor

Manuel Venes Cordões

Jiz. ^{ma} Vereador do Setor de
Educação e Cultura

Câmara Municipal de

6050 NISA

